

N. 08 • ANO IV

VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



MAIS:

- Visagens no Presidio
- Deu no Jornal...!
- Heranças Portuguesas

- A Moça de Branco de Clevelândia (CLEVELÂNDIA- AMAPÁ)

- O Olho (CLEVELÂNDIA- AMAPÁ)
- A Tia Podó (IGARAPÉ-MIRI - PARÁ)
- O Velho Geraldo (ANAJÁS - PARÁ)
- O Pesadelo (ACRE)

WALCIR MONTEIRO



Walcyr Monteiro no traço de Rosinaldo Miranda Silva

Para o amigo e historiador Mário
Piranga Monteiro, o n.º 8 de

VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA

Com o abraço
fraterno do

Walcyr Monteiro
Walcyr Monteiro

Dez. 2001



"As lendas são a poesia do povo; elas correm de tribo em tribo, de lar em lar, como a história doméstica das idéias e dos fatos; como o pão bento da instrução familiar.

... mas o povo crê, e não convêm destruir as fábulas do povo.

... Este cultivo dos mitos, não é, talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?"

Machado de Assis

"Os Imortais", publicado em 18 de setembro de 1859 em O Espelho.

AmM
1406

Banca de Revista

News Time

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ-DATADOS
E CARTÕES DE CRÉDITO

IGUATEMI - 1º Piso

Telefone: (091) 250-5338

IGUATEMI - 3º Piso

Telefone: (091) 250-5574

Abrimos aos domingos e feriados

EXECUTIVA
RECURSOS HUMANOS LTDA.

SCOVAN
Serviços Gerais Ltda.

EXECUTIVA
Serviços de Vigilância Ltda.

RUA DOMINGOS MARREIROS, 109
(entre Wandenkolk e Doca de Souza Franco)
Telefones: 242-9414 (tronco principal)
212-5046 (fax) • 9985-8800 (celular)

REVISTAS

Ver-o-Pará e Nosso-Pará

A FORMA BONITA DE NOS CONHECER

Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia - Nº 8 - Junho / 2001

Publicação de WALCYR MONTEIRO.

Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Ilustrações das histórias: Rosinaldo Miranda da Silva e RUMA • Digitação e revisão: Paulo Maués Corrêa

Editores eletrônicos: Augusto Henrique • Capa: ilustrações de RUMA e João Bento

Impressão: Smith Produções Gráficas • Correspondências: Caixa Postal 1563

Belém-PA - CEP: 66017-970 • Fone: (091) 222-3384 • e-mail: walcyr@supridad.com.br



Bate-papo com o leitor

Completo em dezembro de 2000 o terceiro ano consecutivo de "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia". O que? Não lhe convidei para o aniversário? Mas nem podia! O terceiro ano foi comemorado com muito, muito trabalho mesmo!

Só pra você ter uma idéia, trabalhava na terceira edição de "Visagens e Assombrações de Belém", que saiu graças ao patrocínio do Banco da Amazônia (aqui um agradecimento especial à presidente Flora Valadares e ao superintendente Everaldo Pinheiro), na terceira edição dos números 1 e 2 e na segunda dos números 3, 4 e 5 de "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia" e ainda na segunda edição do número 6 desta série, sem falar na segunda edição de "As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará". Isto tudo, leitor, devo a você, que tem prestigiado nossas publicações, bem como aos professores de Belém e de outros centros, como por exemplo os da Cidade de Breves (ver matéria à página 32), que utilizando-as em trabalhos escolares têm me obrigado a fazer sucessivas edições. E isto é muito bom porque o principal objetivo está sendo alcançado: a preservação da cultura amazônica num mundo cada vez mais globalizado.

Ah! Quase esqueço: também estava trabalhando em "Cosmopoemas" e "Miscelânea ou Vida em Turbilhão", que já terão sido lançados quando este exemplar chegar às suas mãos. Como você vê, é trabalho que não acaba e vem muito mais coisa pela frente.

Bom, estamos no decorrer do quarto ano de publicação e desta vez levo a você as histórias "A Moça de Branco de Clevelândia" e "O Olho", ambas do Amapá; depois faço você viajar até o Pará, no Rio Maiuatá, em Igarapé-Miri, e conhecer a simpática (?) Tia Podó; em seguida, à Ilha do Marajó, o ranzinza Velho Geraldo e depois (é melhor ir de avião!) você vai ao Acre ver "O Pesadelo". Mande-me suas impressões destas histórias.

Você lerá ainda em "Deu no Jornal" a notícia publicada no "Repórter 70", de "O Liberal", sobre umas visagens aparecendo neste início de milênio.

Não deixe de ler também "Visagens no Presídio" e o restante do noticiário a respeito

de palestras e outros eventos envolvendo nossas visagens e assombrações, digo, nossas publicações.

Uma novidade: a partir deste número, virá um mapa da Amazônia Clássica (Acre, Amazonas, Roraima, Rondônia, Amapá e Pará) situando onde as histórias se passaram.

E já a caminho de completar o quarto ano, espero continuar contando com seu prestígio e apoio. Receba o abraço caboclo com a força da pororoca do

Walcyr Monteiro

ILUSTRAÇÕES - Estréia aqui em "Visagens..." Rosinaldo Miranda Silva, natural de Curiaú, Amapá, onde nasceu em 11 de novembro de 1973. Desenhando desde criança, iniciou os estudos só em 1990, na Escola de Arte Cândido Portinari, em Macapá. Desenhista, pintor e escultor, M. Silva, como assina suas obras, trabalha com resina vegetal, extraída do pião branco. Participou de diversas exposições, entre as quais: Arte e Expressão - Escola de Arte Cândido Portinari, Macapá, 1995; Semana Rui Barbosa - Macapá, 1993; Expo-Feira Agropecuária - Macapá, 1993; Pintando no Forte - Macapá, 1994/95; Movimento Artístico - Macapá, 1995; Arte Causa e Efeito - Macapá, 1995; Semana Cultural - Macapá, 1995; 2º Itinerante de Arte - Macapá, 1996; Congresso Nacional - Brasília, 1997; Semana Cultural - Guiana Francesa, 2000; Encontro de Comunidades Negras - Brasília, 2000; 2º Salão de Artes Plásticas de Amapá - SESC/Araxá, 1997.

Participou ainda de concursos, sendo mais representativos: Arte e Criatividade - Macapá - 3º lugar; Meio Ambiente Internacional, Taiwan, 1995, 1º lugar.

São de sua autoria, além da ilustração da contra-capa, as das histórias "A Moça de Branco de Clevelândia" e "O Olho".

As histórias "O Velho Geraldo", "A Tia Podó" e "O Pesadelo" foram ilustradas pelo paraense RUMA (Rui Mário de Cruz Albuquerque), artista plástico dos mais conceituados e premiados e já conhecido de nossos leitores, pois ilustrou o nº 7 de "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia".

A Moça de Branco de Clevelândia

"Dizem que em Clevelândia e arredores anda uma misteriosa moça toda vestida de branco, sempre à noite. Ninguém sabe quem é, de onde vem, nem para onde vai. Há muitas histórias sobre a tal moça. Dizem que ela anda na estrada que liga Oiapoque a Clevelândia pedindo carona para os taxistas. Se algum motorista atende, entra no carro e, mais adiante, some de dentro do táxi, deixando o motorista apavorado. Mas, também, se não parar, sente a porta abrir e, quando menos espera, lá está ela sentada tranqüilamente, para em seguida desaparecer."

Quem assim falou foi o soldado Macedo, 27 anos, natural de Clevelândia e servindo desde 1996 na Companhia Especial de Fronteira. Antes de sentar praça, foi garimpeiro, tendo trabalhado, entre outros, nos garimpos de Sequini e de Erequenem.

A Moça de Branco, como é conhecida na região, nunca fez mal a ninguém, nunca deixou quem a visse assombrado, ou seja, com febre, dor de cabeça e que tivesse que procurar algum pajé para lhe tirar o assombramento. Apenas as pessoas que a vêem se apavoram com o seu súbito desaparecimento...! É conhecida de todos, militares e civis, que já ouviram diversas histórias, inclusive dentro do próprio quartel.

Contam que certa noite um soldado estava de serviço e fazia a ronda de rotina. De repente, lá estava ela, a Moça de Branco. O soldado viu que andava suavemente em direção à FS (Formação Sanitária), equivalente à enfermaria. Viu que ela entrou e ele dirigiu-se para lá. Ao chegar, perguntou ao enfermeiro de dia:

- Onde ela está?
- Ela, quem?
- A moça que entrou aqui agora mesmo, a Moça de Branco...!
- Aqui não entrou ninguém; não entrou nenhuma moça, muito menos uma moça de branco...!

O soldado empalideceu. Recusava-se a acreditar no que ouvia e só depois de certificar-se que realmente ninguém entrara ali foi que aceitou ter visto alguma coisa sobrenatural... A notícia no dia seguinte se espalhou pelo quartel, deixando receosos os soldados que iam fazer a ronda de noite...

Há mesmo quem diga que já houve soldado mais afoito que chegou a atirar em cima dela, nada porém acontecendo com a misteriosa Moça de Branco...

Dizem, ainda, que os moto-taxistas (motoqueiros que transportam passageiros) não aceitam serviço à noite, de jeito nenhum, se o cliente for para Clevelância ou algum ponto da estrada Oiapoque-Clevelândia...! Dizem que não é medo, não! É apenas precaução. Afinal, não gostariam de encontrar a misteriosa Moça de Branco...!

Como você vê, ou melhor, como você lê, sempre há alguma coisa interessante para se ver na Amazônia além de suas belezas naturais. Seja nos



centros mais adiantados, seja nos mais distantes rincões, seja finalmente nas fronteiras, há algo diferente para ser apreciado. Que tal na sua próxima viagem você ir ao Oiapoque, no Amapá? Você pode estender um pouquinho a viagem e ir até São Jorge, na Guiana Francesa e - quem sabe? - até conhecer os integrantes da famosa Legião Estrangeira. Ou pode ficar mesmo do lado amapaense e seguir até Clevelândia. Aí, com sorte, pode encontrar a Moça de Branco! Por que será que ela anda sempre de branco? Quem sabe seja apenas uma moça vestida de noiva à procura de marido? E quem sabe se ela está esperando justamente, por *você*?

O Olho

Servir à Pátria na Amazônia, principalmente em região fronteiriça com outros países, exige uma dupla coragem: além de enfrentar os problemas comuns a outras áreas, ainda tem que se ver com fatos inexplicáveis, insólitos ou até mesmo sobrenaturais. Os cursos de sobrevivência na selva dotam os militares de muitos ensinamentos, de conhecimentos variados sobre ervas, matos, animais e frutos comestíveis, cipós de água, enfim de como se manter vivo na floresta. Mas... como ensinar o inexplicável? Como transferir conhecimento daquilo que não se sabe? Como preparar o homem a enfrentar os insondáveis mistérios da floresta? Você sabe? Eu, de minha parte, com toda a minha vivência de Amazônia, nos seus diversos estados, em variadas e inúmeras cidades, vilas, aldeias e povoados, em incontáveis rios, igarapés, furos e paranás, confesso que não sei...! Chegarei um dia a saber? Quanto mais viajo pela Amazônia e procuro conhecer o que a selva e as águas escondem, quanto mais converso com o caboclo amazônida, mais chego à conclusão que apenas arranho os mistérios daquela e a sabe-

doria deste, coisa que nenhuma escola ou universidade ensina... Ah! a Amazônia e seus mistérios insondáveis! Ah! a filosofia e a sabedoria do caboclo da Amazônia! E quanto humildade numa e noutro...!



Clevelândia do Norte ou simplesmente Clevelândia, como é mais conhecida, fica às margens do Rio Oiapoque, que separa o Brasil da Guiana Francesa. Em Clevelândia está sediada a Companhia Especial de Fronteira, unidade militar do Exército Brasileiro. Não é preciso dizer que quem está servindo nesta Companhia é corajoso, sem falar que passou por um adiestramento especial, inclusive de sobrevivência na selva. Aliás, no meio da selva está Clevelândia, ligada por estrada de piçarra à Cidade do Oiapoque, sede do município de mesmo nome. Esta descrição é para que você saiba direitinho onde se passou esta história, que foi narrada pelo Sargento Assis, de 38 anos, natural do Oiapoque e em Clevelândia há 22 anos.

Com todo o conhecimento de selva que possui, o Sargento Assis não é de se amedrontar com qualquer coisa, mas o que viu realmente o levou à reflexão. Sabe o que foi? Não imagina? Então continue lendo para ver se a coisa era de brincadeira...!

Certa noite, há alguns anos atrás, saiu com o Cabo Nazareno a fim de caçar tatu. Entraram no mato e cada um foi para um lado, tendo o Sargento Assis ido pela parte que fica por trás da enfermaria do quartel.

Adentrou a floresta e após algum tempo pareceu ver alguma coisa se mexendo. Focou a lanterna e viu um pequeno olho que fitava em sua direção. Surpreso pelo fato de ser apenas um olho, pensou consigo mesmo: - Será que é algum animal que está cego de um lado?

Apagou a lanterna e, para aumentar sua surpresa, continuava vendo o olho brilhando na mata, fitando-o...! Acendeu a lanterna de novo, focando em cima do olho, que aumentou de tamanho. O Sargento Assis não acreditou no que estava vendo. Ao abrir os olhos, no escuro, viu o que sua mente se recusava a aceitar: não era nenhum animal, não era coisa alguma vivente que pudesse identificar. Era apenas um olho, a esta altura já de tamanho bem maior. Focou a lanterna novamente, e o olho aumentou ainda mais de tamanho, ao mesmo tempo em que ouvia um assobio horrível, estridente. O Sargento Assis ficou estático. Não conseguia se mexer. Apagou a lanterna e o olho continuou a fitá-lo e o assobio aumentou de intensidade. A esta altura o Sargento já não tinha mais dúvidas: era realmente só um olho, que foi aumentando de tamanho e se aproximou de onde ele estava, enquanto o assobio estridente se tornava insuportável aos ouvidos...



Pela primeira vez em sua vida o Sargento Assis se sentiu arrepiar. Um arrepio que foi dos pés à cabeça. Ainda focou a lanterna mais uma vez, para ver o olho maior e mais brilhante. A esta altura o assobio tornara-se ensurdecedor...!



Imagine a cena: de noite, altas horas, na selva amazônica, um olho, somente um olho, isolado de qualquer cabeça, que aumentava de tamanho, a fitá-lo, ouvindo ao mesmo tempo um assobio de doer nos ouvidos e que também aumentava de intensidade e ambos, o olho e o assobio, se aproximando de você! O que você faria?

Já imaginou? Então vou continuar a história...



O Sargento Assis, mesmo recusando-se a acreditar no que estava vendo e ouvindo, saiu em desabalada carreira, fugindo daquela cena horripilante, e só parou quando chegou, arquejante, ao quartel...!

Até hoje não tem explicação para o que viu e ouviu. Continua a levar sua vida normal na Companhia, porém nunca mais foi caçar na floresta que fica por trás da enfermaria do quartel...!



E você, imaginou a cena?

Se imaginou, na sua imaginação o que foi que você fez? Esperou pelo olho, para ver do que se tratava? Se assim foi, vá até Clevelândia e veja-o de verdade, sem ser apenas na imaginação... e depois venha me contar o que aconteceu! Isto é, se você voltar...!

A Tia Podó

No Rio Maiuatá - você sabe onde fica o Rio Maiuatá? Não? Fica no Município de Igarapé-Miri, no Pará, e é afluente do Rio Tocantins - no Rio Maiuatá, dizia eu, começaram a ouvir os estridentes assobios da Matinta Perera. Os moradores se perguntavam: Quem será já que vira Matinta por aqui? E nada de descobrir quem era a Matinta do Rio Maiuatá...

A coisa foi aumentando e, além dos assobios, a Matinta começou a assustar as pessoas de outras maneiras. Você sabe, não é? que a Matinta pode se transformar no que quiser. Pois é, a Matinta ora aparecia em forma de onça, ora em forma de queixada, ora em forma de outro animal qualquer, sempre atazanando os pacatos caboclos e seus familiares, mettendo medo e não deixando ninguém dormir com os estridentes

- Fiiiiiittt...

Ou pior quando dobrava o assobio

- Firififiiuuu...

Teodoro Castro Barboza, 40 anos, filho de Sumaúma, lá em Igarapé-Miri, foi quem contou esta história. E ele continuou dizendo que a Matinta tanto perseguiu os moradores que um deles, mais corajoso, disse que ia dar um jeito naquela situação. Era o João Piraqueira, filho da Tia Podó, que era muito estimado naquelas bandas.

Pois bem, o João Piraqueira procurou um pajé dos bons, explicou a situação e disse que queria dar uma solução para aquele problema, a fim de que os moradores do Rio Maiuatá voltassem a ter paz e pudessem dormir sossegados. O pajé ouviu e seguiu junto com o rapaz.

Ah! Você nem imagina o que aconteceu! Pois não é que a Matinta era... Não, estou me precipitando e já chegando ao fim da história. Deixe, pois, que conte o que aconteceu depois que o João Piraqueira falou com o pajé. Como já disse, depois de ouvir atentamente, o pajé seguiu com João Piraqueira para o Rio Maiuatá. Lá chegando, pediu que o rapaz arrumasse duas cuias pitinga e uma sandália e guardou este material.

Quando chegou de noite, assim que a Matinta começou a assobiar, quando se ouviu

- Fiiiiiiiiittt...!

o pajé saiu da casa em que estava, começou a fazer suas orações, pegou as duas cuias pitinga e colocou em cima da sandália emborcada. Era a fórmula para amarrar Matinta Perera!

Naquela noite ouviu-se ainda um assobio cortado pela metade e um barulho assim como se fosse um pato se debatendo em cima de um galho de uma árvore próxima. Ninguém foi olhar, esperando a manhã seguinte...



Ao amanhecer o pajé chamou João Piraqueira para ir ver a Matinta amarrada pela fórmula...



Veja só o que é o destino!

O pajé disse para o rapaz:

- Agora vamos saber quem é a Matinta Perera do Rio Maiuatá!

Quando chegaram no local, sobre um galho de uma árvore próxima às duas cuias pitinga em cima da sandália emborcada, estava uma mulher que dali não conseguia se mexer, como se estivesse amarrada no galho. O pajé disse para João Piraqueira:

- Esta é a Matinta Perera que estava perturbando vocês...!

Quando João Piraqueira ergueu a vista para o galho da árvore, quase desmaiou. Quem estava lá em cima era a sua própria mãe, a Tia Podó...



Surpresa desagradável para o João Piraqueira, não acha? Ele, que tanto se empenhou em amarrar a Matinta, veio a descobrir que era a sua genitora...

Ele ficou muito envergonhado. Mas o certo é que, depois daquele dia, nunca mais se ouviu ou se viu a Matinta Perera do Rio Maiuatá... Mas os velhos moradores, como Teodoro Castro Barboza, até hoje se lembram e contam a história...

O Velho Geraldo

Manhã do dia 9 de março de 2001. Depois de uma maratona pesquisando e gravando histórias em viagem que, iniciando em Belém, passou por Macapá, Oiapoque, São Jorge (na Guiana Francesa) e Clevelândia, retorno finalmente a Belém. Foram doze dias de muito trabalho, porém todo ele gratificante. Embora tenha vindo de avião, estou retornando por via aquática, a bordo do NM Comandante Sólon. Como sempre faço em tais viagens, procuro manter contato com a tripulação e sempre sai uma história nova. Desta vez aconteceu com o marítimo de 32 anos Alberto dos Santos Souza Jr., que exerce a profissão há doze anos.

- O senhor já ouviu falar do Velho Geraldo, lá de Anajás Grande, no Marajó?

- Não, não ouvi. O que é que tem de especial com o Velho Geraldo?

- Ah, meu senhor! Este velho era daqueles velhos antigos, muito rigorosos. Dizem que ele acordava os filhos à base de chicote, pra colocar eles pra fora da rede. Cinco horas da manhã, dava umas duas lambadas pra levar pra roça pra fazer o serviço da fazenda. Falavam também que ele pegava aquele charque, aquele toucinho com pêlo, toucinho cru mesmo e metia na garganta dos moleques, porque assim o cara virava homem e era aquele velho rigoroso mesmo. Um dia - ele tinha uma filha - e o pessoal fala que um peão de lá dos arredores da fazenda teve um caso com ela e a jovem engravidou. Mas o cara queria assumir compromisso com ela. O velho botou ela pra fora de casa. Ele dizia que filha assim, prenha, como eles falam lá no

interior, ele não aceitava. E botou pra fora de casa mesmo! E a velha, né? - neste tempo quem falava mesmo era o marido, o velho - não falou nada, né? E a filha foi embora... Dessa pessoa que ela emprenhou ela teve mais de 10 filhos, né? O nome dela é até Virgília e ela mora em Cachoeira do Arari. Então, o velho era assim, muito rigoroso, com ele era só no chicote, adorava dar uma lambada...! Teve dois filhos dele que foram embora cedo, com 17, 18 anos fugiram... não agüentaram... E assim foi passando a vida dele nesta fazenda, né? Homem de confiança do dono, se tornou capataz com muita rigurosidade...

Ele tinha um negócio de deitar numa rede na sala da casa dele, a velha preparava o café, levava pra ele e ele ficava deitado, e era só naquele armador. Uma casa de madeira, avarandada, grande, com vários armadores, que às vezes ficavam muitas pessoas de passagem pedindo alojamento, mas o velho só dormia no mesmo armador de rede, que ficava na sala da casa que dava pra rua. Ele foi ficando velho, foi ficando velho nesta mania... E aí as pessoas que passavam por lá e já conheciam a fama dele gritavam: - Eh, Burrico! (Burrico era o apelido dele porque se tornara um velho muito teimoso).

- Burrico é a tua mãe, seu filho da p...! Burrico é a mãe! Era sempre a resposta do velho, acompanhada de outros palavrões. Isto quando não levantava da rede e fazia uma banana* em direção de quem havia gritado.

E assim foi se passando o tempo, não perdoou a filha, né? a filha foi embora. Depois veio o caçula, ficou, seguindo a carreira do pai, e depois veio

* Banana - Gesto obsceno que consiste em colocar a mão esquerda sobre o braço direito levantado, tendo a mão fechada.



o neto. Eu acho que com a idade chegando, o velho já com 60, 70 anos, aí, escondido, sem ninguém ver, nem mesmo a velha dele, a esposa, ele brincava com os netinhos e assoprava no ouvido, uma forma de brincadeira, né? com os netos. Fazia um carinho aqui, um carinho acolá, mas não deixava que ninguém percebesse que ele estava com o coração mole, porque ele tinha mesmo a fama de durão. E com isto foi... ele deitado sempre naquela rede,

naquele armador, o tempo passando, ele ficando cada vez mais velho... até que a idade levou...! Chegou a hora dele e ele foi embora...! Mas ficou uma lenda que o pessoal contam, falam, dizem que ninguém pode dormir em rede atada no armador que o Velho Geraldo usava. Deitou, é queda na hora! Inclusive um tio meu, Raimundo Gomes, já chegou a passar por lá e afirma que, deitou naquele armador, é queda na certa...

Dizem mesmo que ele dá um assoprão no ouvido, como fazia com os netos, e, em seguida, tome queda, entendeu?

Tem quem duvide, tem aqueles caboclos brabos que dizem que não, que não existe, que eu vou lá e me deito...! Mas a fazenda ainda existe e está lá até hoje... As pessoas passam, pedem uma estadia, conversam, ouvem a história do Velho Geraldo e atam a sua rede naquele armador. Meu amigo, com negócio de meia hora, uma hora, ou então quando está tarde da noite, só se vê o barulho e o grito. É um assopro no ouvido e uma queda! E ali ninguém deita!



O que achou desta história? Será que é verdade mesmo? O marinheiro Júnior afirma que ainda não apareceu homem que consiga dormir em rede atada no armador do Velho Geraldo, lá em Anajás Grande. Aceita o desafio? Então, vá à Ilha do Marajó e siga até Anajás Grande... Depois de chegar, vá à casa do Velho Geraldo, na Fazenda Santa Inês, e tente dormir em rede no armador da sala onde o velho dormia... Eu digo que você é macho mesmo se permanecer no mesmo lugar... depois de levar um soprão no ouvido e uma queda da rede...!

O Pesadelo

Que é o sonho? Você sabe? Ciência e religiões têm as mais diversas explicações para esta manifestação natural que acontece quando se dorme profundamente. Projeções do inconsciente de situações já vividas? Projeções de desejos muitas das vezes proibidos pelo consciente? Ou ainda estes mesmos desejos apresentando-se de forma mascarada, escondendo manifestações da libido? O sonho é a lembrança de uma viagem realizada pelo espírito enquanto o corpo dorme? O que você acha disto tudo? Você já teve sonhos? Como foram os seus sonhos? Foram constituídos de sensações agradáveis, que você não tinha vontade de acordar? Ou, ao contrário, foram sensações desagradáveis, daquelas que você sente vontade de fugir, se sente mal e dá graças a Deus quando acorda, porque conseguiu se livrar de um perigo, de uma situação horripilante, e se sente feliz quando vê que tudo não passou de... um *pesadelo*?



"- Eu estou muito esquecida desta história. Já faz tanto tempo! Quem se lembra bem dela é a minha irmã, mas não estou conseguindo falar com ela. Mas vou dizer o que sei e o que me lembro, está bem assim?"

D. Luiza Almeida, residente em Macapá, inicia desta maneira este relato.

- O senhor conhece o pesadelo?

- Como *conhece*? Quer saber se eu já tive pesadelos? Claro que já tive, e acho que todo mundo já teve, e é uma sensação horrível!

- Sim, mas o senhor sabe como é o pesadelo?

- Ora, o pesadelo é um sonho mau, é um sonho ruim... não é isto mesmo?

- Não, não... O pesadelo é um espírito do mal, um mensageiro do inimigo*. Ele tem a mão direita furada no meio. Ele olha pra gente através do buraco, a gente fica dormente e ele então leva a pessoa a ter vivências horríveis...

- Confesso que é a primeira vez que vejo personificarem o pesadelo!

- Pois é, ele é assim mesmo.

- E o que tem isto com a história que a senhora vai contar?

- Pois é, é uma historia *do* pesadelo...

Fiquei intrigado quando D. Luiza usou *do* em vez *de* pesadelo. Ou seja, na verdade, pelo que ela disse e pela conversa acima, pode se ver que

* Inimigo - Como o Diabo é chamado em alguns interiores da Amazônia. Diz-se "inimigo" para não pronunciar o nome do Diabo.

pesadelo não é apenas uma manifestação durante o sono, mas um ser, ou, como ela descreve, um espírito do mal...!



- Como lhe disse, já não me lembro direito. A história aconteceu lá no Acre. Era um senhor de uns cinquenta anos. Era casado e tinha filhos. Vivia bem com a família até o dia em que o pesadelo pegou ele.

(Parêntese aqui na história. A esta altura dos acontecimentos já não sei se escrevo pesadelo com letra minúscula, como substantivo comum, ou com letra maiúscula, como substantivo próprio, já que representa um ser.)

Deste dia em diante a vida dele virou um inferno. Não podia dormir sem ter uma pessoa do lado dele, pra acordar ele quando o pesadelo pegava.

- Mas, afinal, D. Luiza, o que era este pesadelo?

- Ah, sim! O pesadelo aparecia pra ele na forma de uma assombração horrível, que queria pegar ele... Ele então começava a gritar, uns gritos horríveis, abafados... começava a suar frio... então tinham que chamar ele, pra ele acordar e poder escapar da assombração. Cada vez que ele dormia, quando o pesadelo pegava ele, ele dizia que a assombração chegava mais perto. Ele dizia que tinha a certeza que, quando a assombração chegasse perto dele e que agarrasse ele, ele morria...

A vida dele e da família ficou um inferno. Quando ele dormia, sempre tinha que ter alguém por perto, pra vigiar o sono dele e acordar quando o pesadelo pegasse ele. Mas...

(Novo parêntese na história. Você já reparou que toda história tem um "mas"? Esta não é diferente. Vamos ver, pois, o que aconteceu depois do "mas" da história de D. Luiza!)

... um dia, ou melhor, uma noite, todos saíram de casa e o velho ficou só. Ele estava bem acordado. Acontece que o pesadelo parece que só queria encontrar ele só. O velho foi ficando sonolento, sonolento, sonolento... Não queria dormir, mas o sono foi mais forte. Os olhos pesavam e ele acabou dormindo. Acho que foi quando o pesadelo olhou ele pelo buraco da mão e ele ficou dormente. Aí o pesadelo pegou ele e, como não tinha ninguém por perto pra chamar, a assombração deve finalmente ter chegado perto dele e agarrado... Ele foi encontrado morto, com os olhos arregalados, e o corpo como se tivesse lutado muito com alguma coisa horrível...

É por isso que lhe digo que pesadelo é um espírito do mal, concluiu D. Luiza, que fica só esperando as pessoas dormirem, pra então entregar elas pras assombrações...



Mas não vá ficar com medo de dormir por causa desta história! Afinal, pode-se também ter sonhos maravilhosos, não é mesmo? Que só



deixam de ser sonhos quando há a interferência do pesadelo, e, neste caso, você pode se ver frente a frente com uma horrível e pavorosa assombração... e aí, o que será que pode acontecer?...

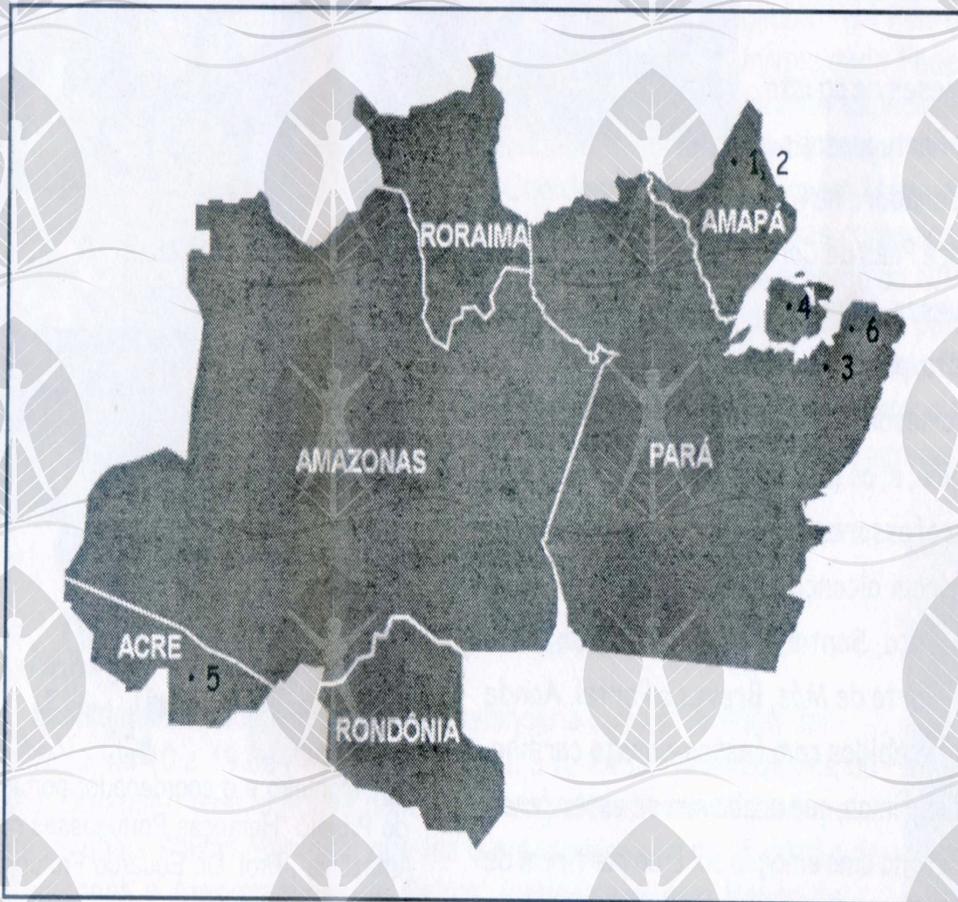
Deu no jornal!!!



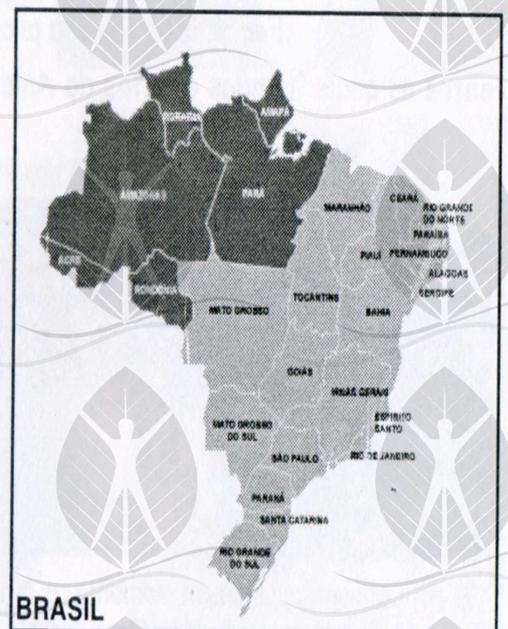
A imprensa de vez em quando publica matérias abordando visagens, assombrações ou mesmo histórias com nossos seres mitológicos, como o Boto, a Cobra Grande, o Curupira etc. Temos publicado nesta seção reproduções de tais matérias ou reportagens. E elas continuam neste início do terceiro milênio, como se pode comprovar pela nota publicada na respeitada coluna "Repórter 70", do igualmente respeitado jornal "O Liberal", um dos maiores do País, no dia 5 de março deste ano de 2001.

Localize aqui onde as histórias acontecem

AMAZÔNIA



- 1 e 2 - Clevelândia
- 3 - Igarapé-Miri
- 4 - Ilha do Marajó
- 5 - Acre
- 6 - Belém
(Deu no Jornal)



Heranças portuguesas

Realizou-se no Pará nos meses de agosto e setembro o Projeto "Heranças Portuguesas na Amazônia", que teve como coordenadora na Região a Professora Maria de Nazaré Paes de Carvalho e, coordenando os portugueses, o Professor Eduardo Frutuoso. O Projeto previa o intercâmbio entre portugueses e amazônidas, buscando os traços culturais deixados por aqueles na Região, e, ao mesmo tempo, a visita de uma comitiva de mais de cinquenta professores a cidades de nomes portugueses no Pará. Os objetivos foram alcançados e visitadas, além de Belém, as cidades de Vigia, Bragança, Santarém, Alter do Chão, Óbidos, Alenquer, Prainha, Almerim, Porto de Mós, Breves e Portel. Aonde chegavam, os portugueses eram recebidos com festas e muito carinho, deixando-os emocionados até às lágrimas, que acabavam se estendendo aos que os recebiam. Foi a viagem toda uma emoção só! E ao partirem de cada localidade, os portugueses levavam e deixavam saudades...

Foram inseridas na programação diversas palestras, entre as quais "Lendas e Mitos da Amazônia", proferida por Walcyr Monteiro, que destacou

os de origem portuguesa, dando ênfase para as histórias relativas ao rei D. Sebastião, surpreendendo os portugueses, que não esperavam ver o monarca tão "vivo" na lembrança dos amazônidas.



Portugueses participantes do Projeto "Heranças Portuguesas na Amazônia"



Walcyr Monteiro e o coordenador português do Projeto "Heranças Portuguesas na Amazônia", Prof. Dr. Eduardo Frutuoso



Os portugueses ouvindo atentamente as lendas e os mitos da Amazônia



Walcyr Monteiro, quando falava sobre lendas e mitos da Amazônia, tendo ao lado a coordenadora do Projeto, Maria de Nazaré Paes de Carvalho

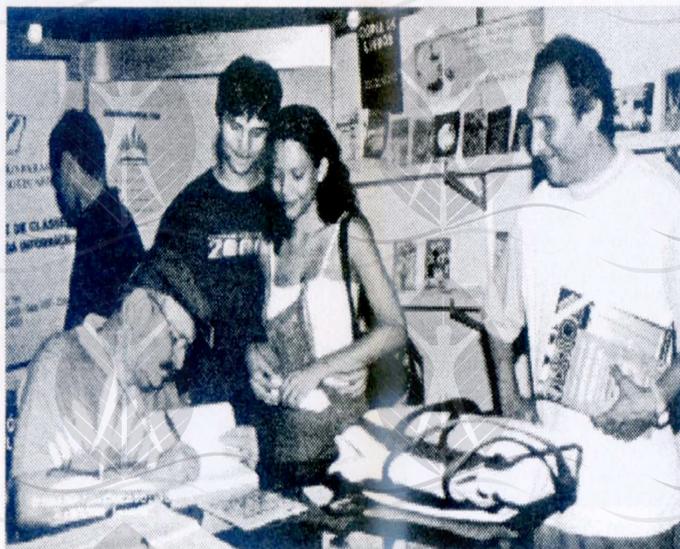
Visagens por aí...



O IV Encontro do IFNOPAP (Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense, projeto da Universidade Federal do Pará - UFPA) foi realizado de 2 a 10 de agosto de 2000, reunindo especialistas e profissionais não somente daquela universidade, mas também de outros centros educacionais de vários pontos do Brasil. Coordenado pela Professora Maria do Socorro Simões, o encontro se revestiu de êxito, contando com diversas comunicações, cada uma mais apaixonante que a outra. Novamente realizado a bordo do N/M Catamarã Pará, que subiu o Rio Amazonas até a Cidade de Oriximiná, onde os participantes tiveram a oportunidade de presenciar um acontecimento singelo: o Círio Fluvial Noturno de Santo Antônio. Convidado para participar do evento, apresentei o trabalho "A Cobra Grande e suas variantes". Ao lado, Walcyr Monteiro quando apresentava seu trabalho no IV IFNOPAP.

IV FEIRA PANAMAZÔNICA DO LIVRO

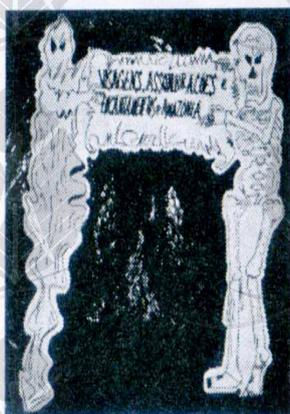
Acontecimento que já faz parte do calendário cultural do Pará, foi realizada, de 10 a 19 de novembro de 2000, a IV Feira Panamazônica do Livro. Durante o evento houve noites de autógrafos de vários escritores, entre os quais Walcyr Monteiro, que fez o pré-lançamento da 3ª edição de "Visagens e Assombrações de Belém" (patrocinada pelo Banco da Amazônia S/A - BASA) nos estandes da Livraria Jinkings e dos Escritores Paraenses. As fotos registram.



Breves: IX Feira Cultural da Escola Elizete Nunes

Revestiu-se do mais completo êxito a IX Feira Cultural da Escola Elizete Nunes, realizada de 6 a 8 de dezembro de 2000, na Cidade de Breves. Foram montados estandes com as lendas e os mitos da Região, inclusive de Breves, e num trabalho realizado totalmente pelos alunos, foi criado um túnel das Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia, no qual, quem ali entrasse, se via frente a frente com os diversos seres mitológicos da Região.

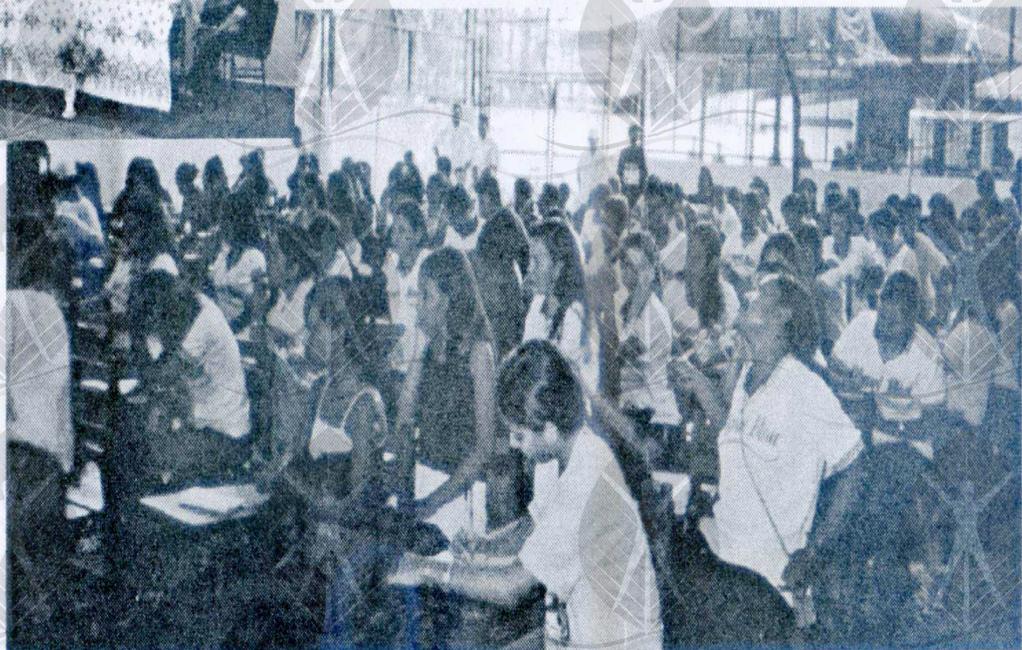
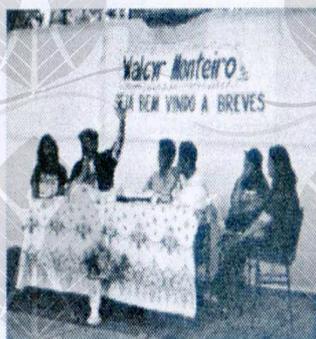
O evento teve como coordenador geral o Prof. Carlos Elvivo das Neves Paes e orientadoras as professoras Etiene Lobato Leite e Rosiliete de Melo Pinheiro, contando com o total apoio da Diretora, Professora Beatriz.



O Túnel das Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia



Os professores Elvivo, Etiene, Rosiliete, a Diretora Beatriz e Walcyr Monteiro, rodeados de outros participantes da IX Feira Cultural.



A praça de esportes foi transformada em auditório, no detalhe, Walcyr proferindo palestra

Visagens no Presídio

Em Belém - e em muitas outras cidades - todos conhecem o radialista Sandro Valle, o Príncipe do Rádio Paraense, que mantém o programa "Flash 95", na Rádio Rauland, nas noites de sábado.

Possuindo incontestável audiência, Sandro Valle foi surpreendido em março de 1999 por uma insólita carta: era do presidiário Redinaldo Rodrigues que em seu nome e de mais treze ocupantes do Pavilhão III do Centro de Recuperação Masculina do Coqueiro (Ananindeua-Pará) solicitou para o radialista "arrumar" os livros "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia", do escritor Walcyr Monteiro, ao mesmo tempo em que pedia para ser dado um "alô" para ele, Redinaldo, e mais seus companheiros de cela.

Sandro Valle trouxe a carta, que muito me sensibilizou, e foi enviada uma coleção de nossas revistas para Redinaldo e seus amigos curtirem as visagens e os encantamentos da Amazônia lá naquele Centro de Recuperação. Também o Sandro mandou seu "alô" através do programa e daqui também vão os votos para que Redinaldo e seus amigos terminem logo o tempo de recuperação de sua dívida para com a coletividade a fim de poderem ter um contato maior com nossas publicações em liberdade. Além de Redinaldo, assinaram a carta: Salomão, Rambinho, Waldecir, Márcio, Zé, Pezão, Paika, Babi, Leocádio, Sapatilha, Fuscão, Almir e Mais Feio.

Palestras

Além das registradas nas fotografias desta página, foram realizadas palestras envolvendo temas relativos a lendas, mitos e histórias de visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia para os seguintes: 1 - Centro Acadêmico do

Curso de Turismo da UFPA; 2 - Colégio Ícaro; 3 - Colégio Olympus Jr.; 4 - Escola Municipal Maria Luiza Amaral; 5 - Capítulo De Molay da Loja Maçônica Fênix; 6 - Clube da Melhor Idade Cheiro do Pará; 7 - Loja Maçônica Cavaleiros da Malta; e 8 - Centro Acadêmico do Curso de Letras da UFPA.



Biblioteca Avertano Rocha



Ônibus Biblioteca Avertano Rocha, no Bengui



Loja Maçônica Firmeza e Humanidade

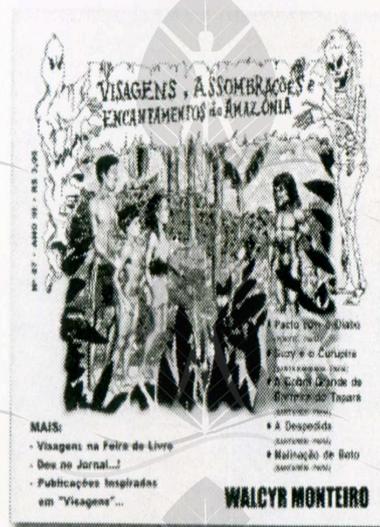
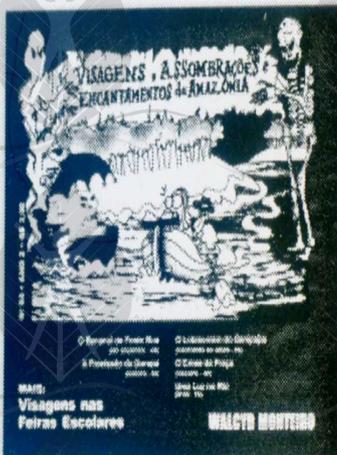
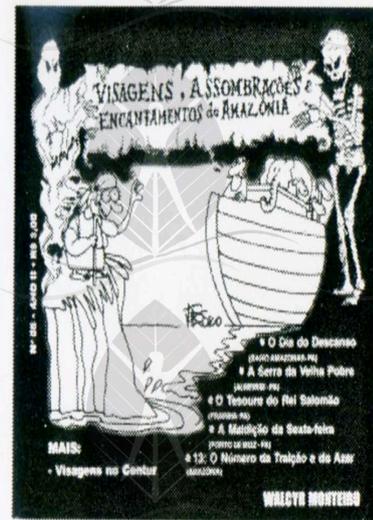
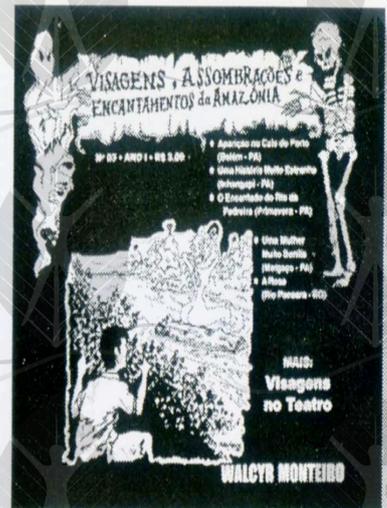


Centro Educacional Pequeno Gênio



Centro de Aprendizagem Integral - CEAI

Números atrasados...



EM BELÉM: BANCAS DE REVISTAS NEWS TIME, NO SHOPPING IGUATEMI, LIVRARIA CASTANHEIRA, NO SHOPPING CASTANHEIRA, LIVRARIA MARAJÓ, NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE BELÉM, LIVRARIA JINKINGS, BANCA DO ALVINO. **EM SANTARÉM:** LOJA REGIONAL MUIRAQUITÃ

EM MACAPÁ: BANCA DO DORIMAR E LIVRARIA NOBEL
EM MANAUS: LIVRARIA VALER
EM BOA VISTA: BANCA DA VALCIRA E LIVRO CENTER

ISTO NÃO É LENDA!



É o resultado da aplicação dos recursos do FNO!



**BANCO DA
AMAZÔNIA**

O primeiro e único banco da Amazônia



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA